

A relação entre a identidade helênica e o espaço ocupado: Telêmaco em Ítaca

*The relation between Hellenic identity and occupied space:
Telemachus in Ithaca*

Ana Penha Gabrecht*

Resumo: Neste artigo trabalharemos com a ideia de que os locais descritos na *Odisseia*, poema épico atribuído à Homero, podem, de certa forma, dizer algo sobre a maneira como o espaço era pensado e significado na Idade do Ferro antiga. Acreditamos, ainda, que as interações sociais realizadas nos espaços podem influenciar no modo pelo qual o ser humano entende e representa a si mesmo e os outros ao seu redor. Nesse sentido, a análise das aventuras de Telêmaco (Telemaquia – os quatros primeiros cantos da *Odisseia*) poderá nos auxiliar na tarefa de compreender a forma na qual os gregos entendiam o lugar (*topos*) em que viviam e o que faz dele um lugar de identidade (isotopia).

Abstract: In this article we will work with the idea that the locations described in the *Odyssey*, epic poem attributed to Homer, can somehow say something about the way the space was thought and meaning in the ancient Iron Age. We also believe that social interactions performed in the spaces can influence the way in which humans beings understand and represent yourself and others around you. In this sense, the analysis of the adventures of Telemachus (Telemaquia – the first four books of the *Odyssey*) can help us in the task of understanding the way in which the Greeks understood the place (*topos*) in which they lived and what makes it a place of identity (isotopia).

Palavras-chave:

Odisseia;
Homero;
Espaço;
Identidade;
Isotopia.

Keywords:

Odyssey;
Homer;
Space;
Identity;
Isotopia.

Recebido em: 15/10/2013
Aprovado em: 18/11/2013

* Mestra em História (2004) e doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo sob a orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Pesquisadora vinculada ao Leir/Ufes. Bolsista Fapes.

O século VIII é marcado por grandes mudanças no mundo grego, em vários aspectos.¹ O isolacionismo, predominante nos séculos anteriores, dá lugar ao crescente contato com outros povos das regiões circundantes.² A reintrodução de um novo alfabeto – tomado de empréstimo dos fenícios –, a organização de instituições pan-helênicas como os jogos olímpicos e o Oráculo de Delfos, a expansão de assentamentos gregos no exterior, o desenvolvimento da *polis*, tudo isso contribuirá decisivamente nas formas de organização da sociedade e do espaço que ela ocupa.

A obra de Homero, cristalizada nesse contexto de transformações, é um instrumento importante para a compreensão das relações do homem grego da época com o espaço em que ocupa. A *Odisseia*, em especial, é uma fonte de informação valiosa, pois é um poema sobre viagens e contatos culturais. Em sua narrativa, relatos sobre exploração de um “Novo Mundo” se misturam a contos populares, produzindo-se assim um rico e complexo quadro de um mundo em transição (DOUGHERTY, 2001, p. 11; POWELL, 2004, p. 38). Homero deixa isso claro logo na abertura do poema (*Odyssea*, I, 1-6):

O homem multiversátil, Musa, canta, as muitas
errâncias, destruída Troia, polis sacra,
as muitas urbes que mirou e mentes de homens
que escrutinou, as muitas dores amargadas
no mar a fim de preservar o próprio alento
e a volta aos sócios.³

Odisseu é *πολύτροπον* (*polítropo*), vocábulo traduzido por Trajano Vieira como “multiversátil”, aquele de muitas habilidades e que a partir de suas viagens acumulou conhecimento a respeito de muitos povos e lugares.⁴ As muitas andanças de Odisseu – mesmo que a contragosto, pois seu principal objetivo é retornar a Ítaca – permitem ao herói acumular um grande conhecimento sobre o mundo que o cerca e ao mesmo tempo

¹ Todas as datações mencionadas nesse artigo se referem a períodos anteriores a Cristo (a. C.).

² É importante frisar que em nenhum momento estas relações foram totalmente interrompidas, como comprovam as escavações em Lefkandi e a descoberta de objetos de luxo importados durante a Idade do Ferro antiga.

³ Texto original: ἄνδρα μοι ἔννεπε, μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ / πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσεν; / πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω, / πολλὰ δ' ὄ γ' ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὄν κατὰ θυμόν, / ἀρνύμενος ἦν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἐταίρων.

⁴ Trajano Vieira é professor da Unicamp e tradutor da versão da *Odisseia* utilizada neste artigo.

traçar os contornos de uma identidade grega. Ao circular entre o espaço fantástico e o "real", o rei de Ítaca delimita fronteiras entre o humano e o divino, entre o grego e o Outro (HARTOG, 2004, p. 14).

O crescente número de novos assentamentos fora da Hélade, o curto espaço de tempo em que foram estabelecidos, a ampliação dos limites geográficos, as conexões entre as cidades-mãe e suas colônias (*apoikia*) e entre colônias e subcolônias, com seus interesses regionais e identidades, tudo isso criou um novo tipo de convergência grega no Mediterrâneo antigo. Os colonos, nas novas cidades, tiveram que lidar com uma grande variedade de povos e paisagens. É muito provável que imagens desses novos lugares e, especialmente, suas acentuadas diferenças fossem bastante comentadas pelas rotas marítimas e portos. É difícil pensar que toda essa conjuntura não influenciaria a poesia homérica. Assim sendo, podemos acreditar que as aventuras marítimas eram assunto de interesse da audiência que ouvia as declamações da *Odisseia*.

A expansão de novos horizontes teve grande influência na forma pela qual o povo que chamamos de gregos via a si mesmo e os outros. Para Malkin (2005, p. 58-9), o desenvolvimento de assentamentos gregos fora da Hélade, em regiões como a Península Itálica, por exemplo, é a grande responsável por impulsionar o desenvolvimento da identidade grega, especialmente a partir da ampliação do contato com diferentes povos e culturas.

Todavia, assim como alerta Dougherty, (2001, p. 9), a *Odisseia* é um texto literário e, desse modo, possui regras e convenções que precisam ser levadas em conta pelo poeta na construção do enredo. Como qualquer texto, encontra-se repleto de sistemas de significação tais como mitos, metáforas, alusões, entre outros. No entanto, além da análise literária e histórica, é possível ainda empreender uma leitura etnográfica do poema homérico, entendo-o como um produto cultural do século VIII cujo objetivo é recorrer ao passado mítico para dar sentido à época tumultuada em que o poeta vive.

Assim como fez Hartog, em *Memória de Ulisses* (2004), é possível lançar sobre a *Odisseia* um olhar antropológico. Em sua obra, o autor francês mostra como pode ser produtiva uma leitura antropológica sobre um poema, por exemplo, no intuito de entender o pensamento daqueles que produziram e consumiram o texto.

Como Hartog (2004, p. 18), não nos interessa apenas a materialidade da viagem de Odisseu, mas sim o périplo como operador discursivo e esquema narrativo. Interessamos assim, a narrativa dos espaços percorridos pelos viajantes de Homero e a visão que

têm a respeito do que encontram em seu caminho. O olhar de Odisseu que avalia o Outro com a sua própria cultura como parâmetro, que no confronto com o diferente acaba definindo sua própria identidade.

De muitas formas a *Odisseia* pode ser considerada um texto antropológico. As viagens são parte fundamental da trama e, acima de tudo, os viajantes retornam para casa para contar suas aventuras. A poesia homérica é permeada por relatos de andanças por terras estrangeiras repletas de seres fantásticos e Odisseu vê tudo isso com seus próprios olhos. Como um antropólogo realizando um trabalho de campo, ele é testemunha de sua própria narrativa. Ninguém o contou, ele presenciou tudo o que narra na corte dos feácios.

É importante, também, considerar que o retorno – o *nostos* – é parte significativa do enredo. Os doze últimos cantos são dedicados à volta de Odisseu a Ítaca. Segundo Dougherty (2001, p.10), o impulso do herói para retornar ao lar após suas viagens coincide com uma preocupação do retorno a si mesmo. Ele personifica o espírito etnográfico de descoberta de si mesmo a partir do encontro com o Outro.

Todavia, é preciso ter sempre em mente que os povos citados na *Ilíada* e na *Odisseia* não eram chamados de gregos – ou melhor, helenos para usar o termo grego. Usavam nomes como argivos, dânaos e aqueus, porém, estes termos não possuíam um significado muito preciso. Um ponto de identidade é o fato de que todos os que lutam na Guerra de Troia são heróis, dividindo o mesmo quadro de referência social, moral e religioso. Isso também inclui a linguagem, apesar de o grego ser falado pelos troianos e cíclopes. Apesar de partilharem estes elementos em comum, há uma grande variedade de heróis em Troia, provenientes de famílias diferentes, de comunidades e regiões e locais de culto distintas da Grécia. Somente depois de Homero os termos “Hélade” e “helenos” foram lentamente se configurando e adquirindo contornos mais específicos (MALKIN, 2005, p. 58).

Assim, como alerta Skinner (2012, p. 3), um senso coletivo de identidade permaneceu, de modo geral, bastante nebuloso e indefinido até o século V. É somente a partir das guerras travadas contra os persas que rapidamente se cristaliza uma diferença bem marcada entre gregos e “bárbaros”. Apesar de Homero enfatizar o contraste entre aqueus e cíclopes (monstros que viveriam em um estágio social pré-agrário), por

exemplo, não há, ainda, uma oposição clara e delimitada entre uma identidade grega e não-grega (KONSTAN, 2001, p. 32).⁵

Isso se deve, em grande parte, ao trabalho de Heródoto e Tucídides, pois são autores que enfatizaram a solidariedade grega em torno de um inimigo em comum: os persas. O conflito entre as cidades gregas e o Império Persa acabou adquirindo, nos autores da Antiguidade, o sentido de uma oposição entre o Ocidente e o Oriente (GRUEN, 2011, p. 352). Dessa forma, os gregos se uniram em torno dessa causa. É somente no século V que se solidifica uma helenidade “oposicional” devido aos conflitos externos no Oriente contra os persas e também no Ocidente contra os fenícios (MALKIN, 2001, p. 4).

Assim como Heródoto, Homero é também um ilustre representante da etnografia grega, pois para alguns autores, representaria o começo desse olhar diferenciado sobre o Outro. A obra do poeta é emblemática, pois é na *Odisseia*, em especial, que a reflexão etnográfica se mostra mais presente. Temas como contatos culturais, conflitos e “colonização” estão bem presentes na narrativa.

A obra de Homero carrega as marcas do contato e da interação entre povos de diferentes perspectivas e culturas. O autor da *Odisseia* demonstra um claro interesse em explorar questões de identidade e diferença, esboçando seletivamente informações preexistentes acerca de povos estrangeiros. Sabemos que os poemas eram executados para uma audiência ativamente engajada na construção do significado: pensando sobre cultura – seja a sua própria ou a dos outros – e imaginando terras distantes como Egito e Arcádia, Cítia e Esparta (SKINNER, 2012, p. 238).

Nesse artigo, nos propomos a refletir sobre a maneira pela qual a paisagem grega descrita por Homero auxilia o processo de definição da identidade helênica durante a Idade do Ferro antiga (XII-VIII). Por paisagem, nos referimos ao conjunto de espaços presentes em Homero. No entanto, para esse artigo selecionamos aqueles que julgamos definidores de identidade. Para tanto, utilizaremos o conceito de isotopia de Henri Lefebvre (2008, p. 43). Tal como é definido pelo autor, isotopia se refere àqueles espaços de pertencimento, de reconhecimento das similaridades. São todos os elementos que envolvem um determinado lugar e fazem dele um mesmo lugar.

⁵ É comum entender a identidade grega como um tipo de identidade étnica, definida como cultura e linhagem em comum. No entanto, uma definição cultural de etnicidade só irá emergir a partir do século V. Antes disso, identidade étnica entre aqueles que chamamos de gregos era expressa por meio de parentescos fictícios, como aparece nas genealogias míticas que produziram os epônimos étnicos dos dórios, eólios e jônios, por exemplo (ANTONACCIO, 2007, p. 215-6).

Os conceitos desenvolvidos por Lefebvre se referem, de forma essencial, a espaços reais, físicos, pois sua teoria localiza-se no campo dos estudos filosófico-geográficos. No entanto, como atesta Coelho (2010, p. 278), é possível usar o aporte teórico do autor para ler os espaços em dimensão simbólica, articulada com o imaginário – tal como em Homero –, uma vez que o texto literário não se restringe à mera reprodução de um espaço físico.

Muitas vezes os arqueólogos – e historiadores – tendem a desconsiderar a importância dos relatos literários tidos como pouco confiáveis acerca da historicidade dos eventos que descrevem. No caso da *Odisseia*, se a obra não é uma “testemunha fiel” – e nem pretende ser – do deslocamento da população pelo espaço durante a Idade do Ferro antiga, pelo menos exprime a importância do pertencimento étnico na Grécia durante o primeiro milênio antes de Cristo. A consciência de uma helenidade está sendo gestada nos séculos VIII e VII e aparece como resultado do processo de definição de comunidades políticas – as *poleis* (HALL, 1997, p. 65).⁶

Assim como Buxton (1994, p. 81), acreditamos que a percepção humana da paisagem é inevitavelmente mediada por fatores culturais. Desse modo, uma investigação acerca dos aspectos da vida real envolvidos com a paisagem necessariamente tem de levar em conta a população que nela vive, e como percebe a si mesma. Aceitando esse pressuposto, surgem as seguintes indagações: de que forma as andanças de Odisseu representam a experiência de seus contemporâneos? Até que ponto podemos entender o que é ser grego a partir da representação de espaço que o poeta nos fornece na *Odisseia*?

Segundo Buxton (1994, p. 155, 212), a *Odisseia* nos permite entender a “helenidade” pelo contraste com outros povos que Odisseu encontra em suas andanças. O modelo construído por tais oposições marca o desenvolvimento de novos conceitos de espaço e territorialidade, quando populações inteiras migram para novas terras fora do mundo grego ou estabelecem-se em novos tipos de estruturas organizacionais, como a *polis* (HALL, 1997, p. 43). No entanto, assim como afirmado anteriormente, uma “consciência grega” ainda não está bem definida. Isso é perceptível na *Ilíada*, na qual vemos um conflito entre gregos e troianos – a representação do Outro, o não grego. No

⁶ Cf. também Stubbings e Thomas (1962, p. 285), quando desenvolvem a ideia da helenidade como um fenômeno posterior a Homero.

entanto, ambos cultuam os mesmos deuses, falam a mesma língua e têm os mesmos costumes.

O espaço que emerge na *Odisseia* é bem mais amplo – diferente da *Ilíada*, que concentra basicamente seu cenário em Troia. A trama se desenvolve em uma amplidão que vai desde Troia ao Egito, incluindo ainda as terras imaginárias que não se pode localizar em lugar nenhum (LATEINER, 2005, p. 417). Ítaca é o local para onde Odisseu quer retornar, seu reino, sua casa, sua família, seu local de pertencimento. Nem mesmo a imortalidade oferecida pela deusa Calipso (*Od.*, VII, 253-8) o faz desistir do *nostos* (retorno).⁷

Por meio do relato de Homero, podemos conhecer um pouco sobre os aspectos físicos de Ítaca e sua importância na narrativa. No trecho abaixo, Odisseu se apresenta para o rei Alcino e a rainha Arete, soberanos dos feácios. Em seu discurso, o herói nos dá uma ideia de como seu reino se parece:

Sou Odisseu Laércio. As muitas artimanhas
de que sou mestre fomentaram meu renome
aqui e no céu. Meu lar é Ítaca e o Nérito,
monte longivívulo folhifaralhante.
Circunvizinhas ínsulas abundam, Samo,
Dulíquio e a selvática Zacinto. Ítaca
repousa nos baixios talassios, derradeira
a oeste, as outras abrem-se ao sol do leste:
hirta de seixos, ótima nutriz de moços.
Nenhum olhar pelustra mais dulçor na terra
(*Od.*, IX, 19-28).⁸

Em outro trecho, a deusa Atena, metamorseada como um jovem pastor de ovelhas, descreve a ilha a Odisseu, que aparentemente não reconhece sua terra natal após ser deixado pelos feácios em uma praia de Ítaca. A deusa assim a descreve:

⁷ Temos apenas a versão de Odisseu sobre isso quando fala, na corte dos feácios, acerca da sua estadia junto à deusa: “Na noite décima, / desestrelada, os deuses levam-me à Ogígia, / onde Calipso, belas tranças, deusa tétrica, / habita. Acolhe-me solícita, alimenta-me, / dizia querer fazer de mim um deus, perene, / mas nunca sensibilizou o meu coração. Texto original: δεκάτη δέ με νυκτὶ μελαίνῃ / νῆσον ἐς Ὠγυγίην πέλασαν θεοί, ἔνθα Καλυψὼ / ναιεὶ ἐυπλόκαμος, δεινὴ θεός, ἥ με λαβοῦσα / ἐνδυκέως ἐφίλει τε καὶ ἔτρεφεν ἠδὲ ἔφρασκε / θήσειν ἀθάνατον καὶ ἀγήραον ἡμάτα πάντα: / ἀλλ’ ἐμὸν οὐ ποτε θυμὸν ἐνὶ στήθεσσιν ἔπειθεν.

⁸ Texto original: εἶμ’ Ὀδυσσεὺς Λαερτιάδης, ὃς πᾶσι δόλοισιν / ἀνθρώποισι μέλω, καὶ μευ κλέος οὐρανὸν ἴκει. / ναιετάω δ’ Ἰθάκην ἐυδείελον: ἐν δ’ ὄρος αὐτῇ / Νήριτον εἰνοσίφυλλον, ἀριπρεπές: ἀμφὶ δὲ νῆσοι/πολλαὶ ναιετάουσι μάλα σχεδὸν ἀλλήλησι, / Δουλιχίον τε Σάμη τε καὶ Ὑλήεσσα Ζάκυνθος. / αὐτῇ δὲ χθαμαλῇ πανυπερτάτῃ εἰν ἀλί κέϊται / πρὸς ζόφον, αἶ δέ τ’ ἄνευθε πρὸς ἠῶ τ’ ἠέλιόν τε, / τρηχεῖ, ἀλλ’ ἀγαθὴ κουροτρόφος: οὐ τοι ἐγὼ γε / ἦς γαίης δύναμαι γλυκερώτερον ἄλλο ἰδέσθαι.

[...] Não é
desconhecida assim de numerosos homens,
quantos habitem onde a aurora nasce e o sol,
quantos habitem ao crepúsculo brumoso.
Sua aridez não é convidativa a equinos;
não chega a ser medíocre, mas não é enorme.
Ao deus falta palavra para definir
o grão daqui e o vinho. Sempre orvalha e chove.
À cabra e ao boi apraz o pasto, e não há árvore
que nela não viceje. A aguada nunca seca.
Não por razão diversa, até me Troia sabem
seu nome, longe (dizem) dos aqueus: eis Ítaca!
(*Od.*, XIII, 239-50).⁹

Um pouco mais da topografia da ilha nos é fornecido no canto IV, quando os pretendentes reunidos planejam uma emboscada contra Telêmaco e dão alguns detalhes de como seria a geografia da ilha.

Há uma ínsula de pedra em meio ao mar, entre Ítaca
e Samo pétreo-tortuosa. Astéride é
seu nome. Diminuta, ela possui dois portos
gêmeos. Aqueus ali o esperam, emboscados
(*Od.*, IV, 844-8).¹⁰

Os relatos de Homero nas passagens acima nos permitem quase que visualizar a ilha. Se a ilha existiu de fato, tal como descrita no poema, e sua exata localização são ainda motivo de debate intenso entre os especialistas. Atualmente há, na costa ocidental da Grécia, uma ilha chamada Itháki, que preserva um nome semelhante à terra natal de Odisseu e foi por alguns apontada como a Ítaca de Homero. No entanto, várias divergências geográficas levaram estudiosos a descartá-la como a “real Ítaca”, localizando esta em Corfu (Córçira) ou Leukas (Lefkada), na Grécia, ou ainda Trapani, na Sicília.

A despeito de tais desconfianças, escavações realizadas pela *British School at Athens* na década de 1930 mostraram que Itháki foi ocupada por gregos desde a época micênica, sem interrupções. O trabalho arqueológico se concentrou no norte da ilha e

⁹Texto original: οὐδέ τι λίην / οὔτω νώνυμός ἐστιν: ἴσασι δέ μιν μάλα πολλοί, / ἤμην ὅσοι ναίουσι πρὸς ἠῶ τ' ἠέλιόν τε, / ἠδ' ὅσοι μετόπισθε ποτὶ ζόφον ἠερόεντα. / ἦ τοι μὲν τρηχεῖα καὶ οὐχ ἱππήλατός ἐστιν, / οὐδέ λίην λυπρὴ, ἀτὰρ οὐδ' εὐρέϊα τέτυκται. / ἐν μὲν γάρ οἱ σῆτος ἀθέσφατος, ἐν δέ τε οἶνος / γίγνεται: αἰεὶ δ' ὄμβρος ἔχει τεθαλυῖα τ' ἔέρση: / αἰγίβοτος δ' ἀγαθὴ καὶ βούβοτος: ἔστι μὲν ὕλη / παντοίη, ἐν δ' ἄρδμοι ἐπηετανοὶ παρέασι. / τῶ τοι, ξεῖν', Ἰθάκης γε καὶ ἐς Τροίην ὄνομ' ἴκει, / τήν περ τηλοῦ φασὶν Ἀχαιῖδος ἔμμεναι αἴης.

¹⁰Texto original: ἔστι δέ τις νήσος μέσση ἀλὶ πετρήεσσα, / μεσσηγῦς Ἰθάκης τε Σάμοιό τε παιπαλοέσσης, / Ἄστερις, οὐ μεγάλη: λιμένες δ' ἐνὶ ναύλοχοι αὐτῇ / ἀμφιδυμοὶ: τῆ τόν γε μένον λοχῶντες Ἀχαιοί.

mostrou que a área era um importante foco de habitação durante a Idade do Bronze Tardia – época de florescimento do sistema palacial. Fragmentos de cerâmica em estilo micênico foram encontrados em seis sítios na costa norte da ilha. Nenhum palácio do porte de Pilos ou Micenas foi localizado, mas vestígios de uma muralha foram escavados na parte norte da moderna vila de Stravos (LUCE, 1998, p. 178). Isso demonstra que a região possuía algum tipo de organização social durante a Idade do Bronze. Luce (1974, p. 89; 1998, p. 171) é um desses autores que acreditam na possibilidade de Itháki ser o reino de Odisseu descrito por Homero. Grande parte do trabalho do autor se concentra em buscar aspectos geográficos da ilha em consonância com trechos do poema. O autor afirma que desde a Antiguidade – especialmente na época clássica – a região era associada a Odisseu: moedas portando o busto do herói foram encontradas na ilha e jogos atléticos eram disputados em sua memória naquela região.

Esse tipo de abordagem da paisagem, no entanto, parece-nos um tanto ou quanto positivista, pois evoca a preocupação dos arqueólogos do século XIX em “provar” a existência de locais míticos – tais como vemos nas escavações de Schliemann e Evans. Acreditamos que as paisagens são artefatos humanos nos quais uma complexa história cultural está embutida. As paisagens assim devem ser interpretadas como manifestações de identidades historicamente específicas formadas por diferentes sociedades humanas há vários milênios e carregadas de um profundo simbolismo (FOXHALL, 2005, p. 75-6). Com isso em mente, queremos analisar a paisagem de Ítaca para apreender de que forma esse reino – da maneira como é representado pelo poeta – corresponde a um espaço de pertencimento para Odisseu e Telêmaco, ou seja, uma *isotopia*.

A aventura de Telêmaco tem início quando os deuses em reunião no Olimpo decidem enviar a Ítaca a deusa Atena disfarçada, com o objetivo de incentivar o jovem a buscar notícias do pai. Os deuses em conclave aproveitam a ausência de Poseidon – algoz de Odisseu – que se encontrava longe, na Etiópia, onde havia ido para receber oferendas de touros e ovelhas (*Od.*, I, 19-27). A ajuda ao herói só é possível quando o deus dos mares encontra-se ausente. Dessa maneira, a deusa Atena pode desempenhar seu papel de guia de Odisseu. Assim, intercede por ele diante dos deuses reunidos. Em sua súplica ela fornece a localização de Odisseu:

Ó pai, Cronida, magno entre os demais olímpios,
é extremamente justo que sucumba Egisto,

como seria se outro lhe seguisse o exemplo,
 mas é por Odisseu que o peito aperta: sofre
 a moira amarga longe de quem lhe mais caro,
 ilhado pelo salso mar no umbigo oceânico,
 na ínsula dendroarbórea, onde reside a deusa
 filha de Atlante pleniamento [Calipso], que do mar
 inteiro sabe os inferos, e o colunário
 sustém, cindindo, enorme, a terra e o mar talásseo
 (*Od.*, I, 38-52).¹¹

A deusa nos informa que Odisseu encontra-se em Ogígia, ilha da ninfa Calipso. Os deuses decidem enviar Hermes, o mensageiro, para solicitar à deidade a imediata libertação do herói. A partir daí a ação volta-se para Ítaca e o poeta passa a narrar a chegada de Atena a esse reino. A filha de Zeus chega disfarçada de Mentos, rei dos táfios, que habitam em Têmesos.

Sou rei dos táfios, bons remeiros. Aportamos
 aqui em direção aos têmesos, falantes
 de outra língua, transposto o oceano vinho; bronze
 aceitam cambiar por ferro cor de fogo
 (*Od.*, I, 180-183).¹²

Como se pode apreender do discurso de Mentos/Atena, o estrangeiro reina sobre os táfios, que, na condição de comerciantes, dirigem-se à região de Temesos para negociar com o ferro. Estudiosos buscaram a localização exata do reino de Mentos, que ainda permanece incerta. O reino poderia se situar no sul da Itália, para onde os habitantes da Eubeia costumavam navegar no século VIII em busca de minérios (POWELL, 2004, p. 117; DAWE, 1993, p. 59).

Mentos é um antigo conhecido de Odisseu. No passado, o rei de Ítaca fora ao reino dos táfios buscar veneno para suas flechas. Lá, experimentou a hospitalidade que é devida aos estrangeiros. Sendo assim, Atena/Mentos reivindica sua relação de *xenia* com

¹¹ Texto original: ὦ πάτερ ἡμέτερε Κρονίδη, ὕπατε κρειόντων, / καὶ λίην κεῖνός γε εὐικότι κεῖται ὀλέθρῳ: / ὡς ἀπόλοιτο καὶ ἄλλος, ὅτις τοιαῦτά γε ῥέζοι: / ἀλλὰ μοι ἄμφ' Ὀδυσῆι δαΐφρονι δαίεται ἦτορ, / δυσμόρῳ, ὃς δὴ δηθὰ φίλων ἄπο πήματα πάσχει / νήσω ἐν ἀμφιρύτῃ, ὅθι τ' ὄμφαλός ἐστι θαλάσσης. / νήσος δενδρήεσσα, θεὰ δ' ἐν δώματα ναίει, / Ἄτλαντος θυγάτηρ ὀλοόφρονος, ὃς τε θαλάσσης / πάσης βένθεα οἶδεν, ἔχει δέ τε κίονας αὐτὸς / μακράς, αἰ γαῖάν τε καὶ οὐρανὸν ἀμφὶς ἔχουσιν.

¹² Texto original: Μέντης Ἀγχιάλιο δαΐφρονος εὐχομαι εἶναι / υἱός, ἅτῃρ Ταφίοισι φιληρέτμοισιν ἀνάσσω. / νῦν δ' ὤδε ξὺν νηὶ κατήλυθον ἢ δ' ἐτάροισιν / πλέων ἐπὶ οἴνοπα πόντον ἐπ' ἄλλοθρόους ἀνθρώπους, / ἐς Τεμέσην μετὰ χαλκόν, ἄγω δ' αἴθωνα σίδηρον.

Odisseu, esperando o mesmo tipo de tratamento recebido pelo pai de Telêmaco.¹³ É por meio dessa relação e ocupando posição privilegiada de hóspede na casa de Odisseu, que Mentos/Atena tem acesso ao espaço do solar do *basileus* e passa a ser um confidente de Telêmaco.

Infeliz! Vejo a falta que te faz o pai
para meter a mão no bando desonrado.
Se despontasse junto aos pórticos do paço,
empunhando elmo, escudo, lanças duplas, tal
qual me foi dado vê-lo na primeira vez
em casa, onde sorvia alegre o vinho, vindo
de Éfira, da morada de Ilo Mermerida,
(a nau veloz do herói chegara ali atrás
do veneno homicida com que ungisse a ponta
dos flechaços de bronze, sem sucesso: Ilo
não dera por temor dos deuses sempivivos,
mas meu pai, que o queria muito, não negou) [...]
(*Od.*, I, 253-64).¹⁴

Por meio do trecho acima depreende-se que Mentos era bem jovem quando vira Odisseu pela primeira vez e que este herói estivera em Tafos quando o pai de Mentos ainda governava.¹⁵ Cumpridos os ritos de hospitalidade para com Mentos/Atena, a deusa revela-se uma aliada de Telêmaco na luta contra os pretendentes que dilapidam o patrimônio de sua família e ameaçam a sua herança. Ela aconselha o jovem a ir a Pilos buscar notícias de seu pai, mas como observa Powell (2004, p. 118), ela sabe bem onde Odisseu está. A intenção da deusa é que essa jornada transforme o jovem em um homem, levando-o do mundo infantil para o mundo dos adultos.¹⁶ Acreditamos que a jornada de

¹³ *Xenia* é uma palavra grega que em Homero se refere aos rituais de hospitalidade.

¹⁴ Texto original: ὦ πόποι, ἦ δὴ πολλὸν ἀποικομένου Ὀδυσῆος / δεύη, ὃ κε μνηστῆρσιν ἀναιδέσι χεῖρας ἐφείη. / εἰ γὰρ νῦν ἐλθῶν δόμου ἐν πρώτῃσι θύρῃσι / σταίη, ἔχων πήληκα καὶ ἀσπίδα καὶ δύο δοῦρε, / τοῖος ἐὼν οἷον μιν ἐγὼ τὰ πρῶτ' ἐνόησα / οἴκῳ ἐν ἡμετέρῳ πίνοντά τε τερπόμενόν τε, / ἐξ Ἐφύρης ἀνιόντα παρ' Ἴλου Μερμερίδαο— / ὥχετο γὰρ καὶ κείσε θοῆς ἐπὶ νηὸς Ὀδυσσεύς / φάρμακον ἀνδροφόνον διζήμενος, ὄφρα οἱ εἴη / ἰοῦς χρίεσθαι χαλκήρεας: ἀλλ' ὁ μὲν οὐ οἶ / δῶκεν, ἐπεὶ ῥα θεοῦς νεμεσίζετο αἰὲν ἔόντας, / ἀλλὰ πατὴρ οἱ δῶκεν ἐμός: φιλέεσκε γὰρ αἰνῶς.

¹⁵ Werner (2010, p. 21) assinala que é sobretudo o contexto do discurso de Atena como um todo que sugere que tanto Odisseu como Mentos eram muito jovens quando pela primeira vez se viram, já que, ao citar a façanha do jovem Orestes (*Od.*, 296-302), Atena explicita, para o receptor do poema e para o próprio Telêmaco, que ela está lançando mão do paradigma do “guerreiro jovem” para fazer com que Telêmaco, por fim, decida agir como filho de seu pai.

¹⁶ Muitos autores especulam qual seria o verdadeiro propósito da jornada de Telêmaco estimulada pela deusa Atena. Para Alden (1987, p. 134) seria uma viagem educativa, de transformação pessoal. O autor acredita na Telemaquia como uma espécie de rito de passagem, oportunidade de o menino se tornar

Telêmaco pode ser entendida também como uma busca por sua própria identidade. O jovem nunca conhecera seu pai, este partira quando ele era um recém nascido. Em algumas passagens do poema, Telêmaco chega inclusive a questionar sua filiação:

Franco
serei em tudo o que eu disser ao caro hóspede:
minha mãe me garante que sou filho dele,
mas ignoro: ninguém conhece ao certo a própria
ascendência. Pudera ser o filho de homem
feliz, cuja velhice colhe entre os haveres!
Do ser que mais carece de uma boa estrela,
já que me indagas, todos dizem que descendo
(*Od.*, I, 213-20).¹⁷

O propósito de Atena/Mentes é estimular o filho de Odisseu a viajar a Pilos e Esparta em busca de notícias do pai, encorajando-o a empreender a vingança contra os pretendentes que afligem sua casa. A deusa assim aconselha Telêmaco:

[...] à aurora de amanhã reúne herois aqueus,
a quem, em bloco, falarás – invoca os numes!
Os pretendentes, cada qual retome sua vida,
e se tua mãe sonhar em se casar de novo,
que torne então ao lar do pai megapotente,
onde prepararão o casamento e inúmeros
dotes que acharem mais por bem lhe oferecer.
Eis mais o que sugiro: no batel melhor
da frota com vintena de remeiros, parte
atrás de pistas que te levem a Odisseu.

homem. No entanto, Rose (1967, p. 391-4) chama a atenção para o verdadeiro propósito da viagem: buscar notícias do pai. Mas assim como comentado acima, a deusa sabe a localização de Odisseu. É essa ambiguidade que levou os estudiosos a buscarem explicações complementares. Rose argumenta que o propósito da jornada de Telêmaco é a busca de glória (*kleos*), pois a deusa avisa na reunião dos deuses que mandará o jovem para Esparta e Pilos a fim de que ele descubra o que puder sobre o retorno de seu pai e conquiste *kleos esthlon*, ou seja, uma boa reputação, entre os homens (*Od.*, I, 88-95). A glória só será alcançada após a vingança contra os pretendentes. Para o autor o plano de Atena é fazer Telêmaco perceber que seu *kleos esthlon* só virá por meio da vingança, mas exigir vingança depende em parte de averiguar a verdade sobre Odisseu, que, por sua vez, exige a viagem a Pilos e a Esparta. Jones (1988) argumenta que é a viagem de Telêmaco em si é um elemento central na conquista da *kleos* e não somente a vingança contra os pretendentes.

¹⁷ Dawe (1993, p. 62) chama a atenção para a forma como Telêmaco fala sobre sua filiação como um tipo de expressão idiomática, não necessariamente evocando dúvida quanto ao seu parentesco com Odisseu. No original grego: *τοιαῦτα ἐγὼ τοι, ξείνε, μάλ' ἀτρεκέως ἀγορεύσω. / μήτηρ μὲν τέ μέ φησι τοῦ ἔμμεναι, αὐτὰρ ἐγὼ γε / οὐκ οἶδ'· οὐ γὰρ πῶ τις ἔδν γόνον αὐτὸς ἀνέγνω. / ὡς δὲ ἐγὼ γ' ὄφελον μάκαρός νύ τευ ἔμμεναι υἱὸς / ἀνέρος, ὃν κτεάτεσσιν εἰσὶ ἐπι γῆρας ἔτετμε. / νῦν δ' ὃς ἀποτμότατος γένητο θνητῶν ἀνθρώπων, / τοῦ μ' ἔκ φησι γενέσθαι, ἐπεὶ σύ με τοῦτ' ἐρεεῖνεις.*

De duas uma: ou de um mortal escutas algo
 ou do Cronida, cuja voz afama os homens.
 Por Pilo principia, onde Nestor governa,
 depois, Esparta, atrás de Menelau, o flavo,
 O derradeiro vestes-brônzeas a voltar.
 Se ouvires que ele vive e que retorna a Ítaca,
 suporta a dura espera, mesmo se de um ano,
 mas se ouvires que já morreu, erige um túmulo
 tão logo chegues, ricas oferendas fúnebres,
 muitíssimas, concede, e um novo esposo à mãe!
 (*Od.*, I, 271-91).¹⁸

Em sua fala, Atena/Mentes pede que Telêmaco convoque a assembleia de cidadãos para que o jovem relate o problema com os pretendentes. Muitos estudiosos questionam o propósito de se convocar uma assembleia para tal fim uma vez que, no mundo homérico, a coletividade, seja o *demos* ou a massa de soldados – no caso da *Ilíada* – não tem voz, apenas assiste aos debates de figuras proeminentes. A assembleia não vota nem toma decisões.¹⁹ Desse modo, a dúvida gira em torno do motivo pelo qual a reunião é convocada, uma vez que a população de Ítaca não tem autoridade suficiente para auxiliar Telêmaco em seus anseios (EMLYN-JONES & YAMAGATA, 2006, p. 20). Seguindo o plano de Atena/Mentes, esta poderia ser uma oportunidade de o rapaz demonstrar maturidade, desde que Odisseu partira, uma assembleia é convocada e dessa vez sob a presidência de Telêmaco.

A assembleia tem lugar na ágora, espaço que representa a ordem, a manutenção do *status quo* e a perfeita organização da sociedade. Uma isotopia para os cidadãos da cidade. Segundo atesta Magalhães (2005, p. 39), reunir-se na ágora é, para os gregos, sinal distintivo de uma cultura apurada, mas não apenas isso. Além de conferir superioridade a uma determinada sociedade, também atribui distinção e privilégios a

¹⁸ Texto original: αὐριον εἰς ἀγορὴν καλέσας ἥρωας Ἀχαιοὺς / μῦθον πέφραδε πᾶσι, θεοὶ δ' ἐπὶ μάρτυροι ἔστων. / μνηστῆρας μὲν ἐπὶ σφέτερα σκίδνασθαι ἄνωχθι, / μητέρα δ', εἴ οἱ θυμὸς ἐφορμᾶται γαμέεσθαι, / ἄψ ἴτω ἐς μέγαρον πατρὸς μέγα δυναμένοιο: / οἱ δὲ γάμον τεύξουσι καὶ ἀρτυνέουσιν ἔεδνα / πολλὰ μάλ', ὅσα εἴκει φίλης ἐπὶ παιδὸς ἔπεσθαι. / σοὶ δ' αὐτῷ πυκινῶς ὑποθήσομαι, αἶ κε πίθηται: / νῆ' ἄρσας ἐρέτησιν ἐείκοσιν, ἧ τις ἀρίστη, / ἔρχεο πευσόμενος πατρὸς δὴν οἴχομένοιο, / ἦν τίς τοι εἴπησι βροτῶν, ἧ ὄσσαν ἀκούσης / ἐκ Διός, ἧ τε μάλιστα φέρει κλέος ἀνθρώποισι. / πρῶτα μὲν ἐς Πύλον ἔλθε καὶ εἶρεο Νέστορα δῖον, / κεῖθεν δὲ Σπάρτηνδε παρὰ ξανθὸν Μενέλαον: / ὅς γάρ δεύτατος ἦλθεν Ἀχαιῶν χαλκοχιτώνων. / εἰ μὲν κεν πατρὸς βίοντα καὶ νόστον ἀκούσης, / ἦ τ' ἄν τρυχόμενός περ ἔτι τλαίης ἐνιαυτόν: / εἰ δὲ κε τεθνηῶτος ἀκούσης μηδ' ἔτ' ἔοντος, / νοστήσας δὴ ἔπειτα φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν / σῆμά τέ οἱ χεῦται καὶ ἐπὶ κτέρεα κτερεῖξαι / πολλὰ μάλ', ὅσα εἴκει, καὶ ἀνέρι μητέρα δοῦναι.

¹⁹ As particularidades da organização política que emerge dos poemas de Homero, em especial o funcionamento da assembleia de cidadãos foram discutidas em minha dissertação de mestrado defendida no PPGHis/Ufes. Cf. Gabrecht (2006, p. 84-8).

quem nela se destaca. De acordo com a moral heroica, o campo de batalha é um local privilegiado de obtenção de glória (GABRECHT, 2009). No entanto, a ágora também desempenha esse papel de doadora de glória; nela, assim como no campo de batalha, o homem pode enfrentar seus oponentes, superar seus rivais e ver, assim, reconhecida sua superioridade (MAGALHÃES, 2005, p. 40). A ágora é também um espaço de reunião dos cidadãos e de resolução de pendências entre indivíduos. É para isso que Telêmaco convoca os cidadãos de Ítaca logo ao alvorecer do dia seguinte à chegada de Mentos/Atena. E é com rudes palavras que o jovem desafia os pretendentes a debaterem com ele na ágora:

Convoco a todos para o encontro amanhã
na ágora, quando deixo claro o que decido:
fora daqui, provai manjares preparados
de vossa propriedades, variando a casa!
(*Od.*, I, 373-6).²⁰

Em resposta, um dos pretendentes, Antínoo, desafia Telêmaco:

Algum dos deuses fez de ti um verdadeiro
agorarca, falante desabrido na ágora.
Que Zeus não te conceda o reino da circun-
talássea Ítaca, de que és o justo herdeiro!
(*Od.*, I, 385-8).²¹

Desde que Odisseu partiu Ítaca encontra-se em estado de anomia, o poder está esfacelado diante da inoperância de Telêmaco para com os pretendentes.²² Aparentemente, a ausência de Odisseu e o problema com os pretendentes impôs um

²⁰ Texto original: ἤϊωθεν δ' ἀγορήνδε καθεζώμεσθα κίοντες / πάντες, ἴν' ὕμιν μῦθον ἀπηλεγέως ἀποείπω, / ἐξιέναι μεγάρων· ἄλλας δ' ἀλεγύνετε δαΐτας, / ὑμὰ κτήματ' ἔδοντες, ἀμειβόμενοι κατὰ οἴκους.

²¹ Texto original: Τηλέμαχ', ἧ μάλα δή σε διδάσκουσιν θεοὶ αὐτοὶ / ὑψαγόρην τ' ἔμεναι καὶ θαρσαλέως ἀγορεύειν· / μὴ σέ γ' ἐν ἀμφιπόλῳ Ἰθάκῃ βασιλῆα Κρονίων / ποιήσειεν, ὃ τοι γενεῆ πατρῴων ἔστιν.

²² O pai de Odisseu, o velho Laertes, ainda é vivo. No entanto, não governa mais. Aparentemente teria abdicado do trono em favor do filho e se isolado em sua propriedade. Assim como relata Mentos nos versos 186 a 192: "Da hospedagem recíproca nos orgulhamos/ há muito tempo, como atestará Laerte/ que – dizem – se ausentou da cidadela. Dores/ amarga na campina, a velha serve dando-lhe de comer e beber, quando a fadiga intensa/ imobiliza as articulações infirmes/ sobre a gleba fecunda onde viceja a vinha." Texto original: ξεῖνοι δ' ἀλλήλων πατρῴοι εὐχόμεθ' εἶναι / ἐξ ἀρχῆς, εἴ πέρ τε γέροντ' εἴρηαι ἐπελθῶν Λαέρτην ἦρωα, τὸν οὐκέτι φασὶ πόλινδε / ἔρχεσθ', ἀλλ' ἀπάνευθεν ἐπ' ἀγροῦ πῆματα πάσχειν / γρηὶ σὺν ἀμφιπόλῳ, ἧ οἱ βρωσίν τε πόσιν τε / παρτιθεῖ, εὔτ' ἄν μιν κάματος κατὰ γυῖα λάβῃσιν / ἐρπύζοντ' ἀνὰ γουνὸν ἀλωῆς οἰνοπέδοιο.

estado anárquico a Ítaca. A assembleia nunca mais fora reunida, assim como atesta a fala do ancião Egípcio, que questiona o motivo de tal convocação:

Ouvi, itacenses, o que tenho a vos dizer:
 desde a partida de Odisseu em nau bojuda,
 jamais reunimos aconselhadores na ágora.
 Quem nos convoca? Algum dos veteranos? Qual
 dos moços pretendeu nos ver aqui presentes?
 Acaso nos relata o avanço de uma armada,
 informe recebido de primeira mão?
 Acaso arenga sobre tema de outra ordem?
 Parece alguém que não carece de valor.
 Zeus leve a termo o que deseje o coração!
 (*Od.*, II, 25-34).²³

Assim que Telêmaco chega à ágora os demais cidadãos de Ítaca lhe cedem o antigo assento de Odisseu (*Od.*, II, 14), um gesto que demonstra a autoridade e o papel de destaque na reunião concedidos ao jovem príncipe. Também recebe o cetro das mãos do arauto Pisenor (*Od.*, II, 37-8), objeto que lhe confere o poder de falar na assembleia (GABRECHT, 2006, p. 87).

No espaço da ágora, o filho de Odisseu expõe o problema que aflige sua casa:

Quem convocou o povo? Um multissofredor:
 eu mesmo! Não ouvi notícias de invasão
 que a mim comunicassem por primeiro, nem
 coloco em discussão algum assunto público.
 O que me traz é o duplo mal que abate o paço:
 perdi um pai ilustre, basileu
 na polis itacense e um genitor benigno;
 um revés quiça mais grave, um mal maior
 que tudo me destrói os bens, além do lar.
 Os pretendentes querem minha mãe constricta,
 [...]
 Não há
 um dia em que não deem o ar da graça em casa:
 imolam bois, carneiros, cabras pingues, bebem
 aos borbotões o vinho rútilo, festejam.
 Carente de homem da estatura do meu pai
 que a maldição afaste, os víveres esgotam.

²³ Texto original: *κέκλυτε δὴ νῦν μευ, Ἰθακῆσιοι, ὅτι κεν εἶπω: / οὔτε ποθ' ἡμετέρη ἀγορῆ γένετ' οὔτε θόωκος ἐξ οὔ Ὀδυσσεύς δῖος ἔβη κοίλης ἐνὶ νηυσί. / νῦν δὲ τίς ᾧδ' ἤγειρε; τίνα χρεῖω τόσον ἴκει ἢ ἐ νέων ἀνδρῶν ἢ οἱ προγενέστεροί εἰσιν; / ἢ ἐ τιν' ἀγγελίην στρατοῦ ἔκλυεν ἐρχομένοιο, / ἦν χ' ἡμῖν σάφα εἶποι, ὅτε πρότερός γε πύθοιτο; / ἢ ἐ τι δῆμον ἄλλο πιφαύσκειται ἢ δ' ἀγορεύει; / ἐσθλός μοι δοκεῖ εἶναι, ὀνήμενος. εἶθε οἱ αὐτῶ / Ζεὺς ἀγαθὸν τελέσειεν, ὅτι φρεσὶν ἦσι μενοινῶ.*

Sem condição de realiza-lo, sem vigor
para barrá-los, resta-nos carpir as lágrimas
(*Od.*, II, 41-61).²⁴

Diante do exposto e depois de um intenso debate com alguns dos pretendentes, Telêmaco pede a colaboração dos demais cidadãos na resolução das atribulações que o afligem. O jovem deseja um barco tripulado e assim expõe à coletividade de Ítaca seu plano de viajar em busca de notícias do pai desaparecido:

Rogo um baixel agílimo, vinte remeiros
executores de ida e volta em minha rota
até Pilo arenosa, até Esparta, atrás
de novas sobre o heroi, ausente há duas décadas,
seja da boca de um mortal, seja de Zeus,
o vozerio que afama o nome de um humano.
Se o informe for de que meu pai retorna vivo,
suportarei, embora inquieto, um ano inteiro;
se o que deles ouvir for que o heroi morreu,
tornado à gloriosa Ítaca, soergo
um cenotáfio e lhe consagro exéquias máximas,
inúmeras, e minha mãe cedo ao consorte
(*Od.*, II, 214-25).²⁵

Em sua fala, Telêmaco informa os cidadãos itacenses que pretende reunir uma tripulação e viajar para Pilos e Esparta em busca de notícias de Odisseu. Encaramos essa movimentação do jovem pelos espaços da Hélade como uma maneira de entender a forma como o poeta concebe e representa seu próprio território.

Sob esse ponto de vista, é possível ver a viagem de Telêmaco como um produto das interações sociais entre os gregos pelo território em que viviam, pois acreditamos que seu périplo permite-nos discernir as formas de apropriação do espaço na Grécia

²⁴ Texto original: ὅς λαὸν ἤγειρα: μάλιστα δέ μ' ἄλγος ἰκάνει. / οὔτε τιν' ἀγγελίην στρατοῦ ἔκλυον ἐρχομένοι, / ἦν χ' ὑμῖν σάφα εἶπω, ὅτε πρότερός γε πυθοίμην, / οὔτε τι δήμιον ἄλλο πιφαύσκομαι οὐδ' ἀγορεύω, / ἀλλ' ἐμὸν αὐτοῦ χρεῖος, ὃ μοι κακὰ ἔμπεσεν οἴκῳ / δοιά: τὸ μὲν πατέρ' ἐσθλὸν ἀπώλεσα, ὅς ποτ' ἐν ὑμῖν / τοῖσδεσσιν βασίλευε, πατήρ δ' ὡς ἦπιος ἦεν: / νῦν δ' αὖ καὶ πολὺ μείζον, ὃ δὴ τάχα οἶκον ἅπαντα / πόνχῳ διαρραΐσει, βίον δ' ἀπὸ πάμπαν ὀλέσσει. / μητέρι μοι μνηστῆρες ἐπέχραον οὐκ ἐθελούση, / [...] οἱ δ' εἰς ἡμέτερον πωλεύμενοι ἤματα πάντα, / βοῦς ἱερεύοντες καὶ οἷς καὶ πίονας αἶγας / εἰλαπινάζουσι πίνουσί τε αἶθοπα οἶνον / μαψιδίως: τὰ δὲ πολλὰ κατάνεται. οὐ γὰρ ἔπ' ἀνὴρ, / οἷος Ὀδυσσεύς ἔσκεν, ἀρῆν ἀπὸ οἴκου ἀμῦναι. / ἡμεῖς δ' οὐ νύ τι τοῖσι ἀμυνέμεν: ἦ καὶ ἔπειτα / λευγαλέοι τ' ἐσόμεσθα καὶ οὐ δεδαηκότες ἀλκήν.

²⁵ Texto original: εἶμι γὰρ ἐς Σπάρτην τε καὶ ἐς Πύλον ἡμαθόεντα / νόστον πευσόμενος πατρὸς δὴν οἰχομένοι, / ἦν τίς μοι εἶπῃσι βροτῶν ἢ ὅσων ἀκούσω / ἔκ Διός, ἦ τε μάλιστα φέρει κλέος ἀνθρώποισιν: / εἰ μὲν κεν πατρὸς βίον καὶ νόστον ἀκούσω, / ἦ τ' ἄν, τρυχόμενός περ, ἔτι τλαίην ἐνιαυτόν: / εἰ δὲ κε τεθνηῶτος ἀκούσω μηδ' ἔτ' ἐόντος, / νοστήσας δὴ ἔπειτα φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν / σῆμά τέ οἱ χεύω καὶ ἐπὶ κτέρεα κτερεῖζω / πολλὰ μάλ', ὅσσα ἔοικε, καὶ ἀνέρι μητέρα δώσω.

antiga, uma vez que a representação do espaço por determinada sociedade nunca é totalmente ingênua e isenta de sentidos e significados. Nas palavras de Lefebvre (1976, p. 31), o espaço está permeado por ideologia e política. Se este tem uma aparência de neutro e indiferente é precisamente por ter sido o foco de processos passados cujos vestígios nem sempre são evidentes na paisagem. O espaço é moldado a partir de elementos históricos e naturais, mas também repleto de ideologias.

O espaço que Telêmaco percorre é o dos homens “comedores de pão”, para utilizar a expressão frequente de Homero. Mundo dos homens que plantam e produzem seu próprio alimento, que honram os deuses por meio de sacrifícios, que conhecem as leis da sociedade e as regras de hospitalidade, que praticam a sociabilidade por meio de banquetes e festas.²⁶ Esse é o mundo de Ítaca, de Pilos e de Esparta. Um espaço ordenado. Assim, como assinala Hartog (2004, p. 34), uma vez controlado, esse espaço é socializado. O homem não se encontra aqui isolado, mas inscreve-se numa complexa genealogia: é membro de um *oikos* que é ao mesmo tempo residência e sistema familiar e também pertence a uma comunidade. Esse é um espaço bem delimitado que, segundo nossa argumentação, define identidades, ajudando assim, na formulação da imagem que os gregos tinham de si mesmos.

Referências

Documentação primária impressa

HOMERO. *Odisseia*. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.

HOMERUS. *Odyssea*. Edited by H. van THIEL. Hildesheim: Olms, 1991.

²⁶ As relações de sociabilidade são elemento marcante nos espaços isotópicos descritos na *Odisseia*. Enquanto que em Ítaca, Esparta e Pilos vemos banquetes, festas, sacrifícios em comunidade sendo realizados, as demais personagens que Odisseu encontra em sua viagem vivem, na maior parte do tempo, isolados de qualquer tipo de contato. A ninfa Calipso vive sozinha em sua gruta na ilha de Ogígia, apartada dos outros deuses. Circe, a feiticeira, vive só e transforma em animais todo aquele viajante incauto que confia na sua hospitalidade. Éolo, o deus dos ventos, não vive completamente só mas sim isolado em sua ilha rodeado de filhos e filhas que praticam incesto. Os ciclopes vivem sozinhos em suas cavernas cada um seguindo suas próprias leis. Somente os lestrigões e feácios formam uma sociedade com normas bem estabelecidas, no entanto, ambos não conhecem a agricultura – um importante pré-requisito de civilidade para Homero – com o agravante de os primeiros serem canibais (HARTOG, 2004, p. 36).

Obras de apoio

- ANTONACCIO, C. M. Colonization: Greece on the move, 900-480. In: SHAPIRO, H. A. (Ed.) *The Cambridge Companion to Archaic Greece*. New York, Cambridge University Press, 2007, p. 201-224.
- ALDEN, M. J. The role of Telemachus in the "Odyssey". *Hermes*, n. 115, h. 2, p. 129-137, 1987.
- BUXTON, R. *Imaginary Greece*. The contexts of mythology. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- COELHO, L. R. Espaço, literatura, sociedade e política: um escritor no limiar de si contra *O Leviatã* contemporâneo. *Raído*, v. 4, n. 7, p. 277-302, 2010.
- DAWE, R. D. *The Odyssey*. translation and analysis. Sussex: The Book Guild Ltd., 1993.
- DOUGHERTY, C. *The raft of Odysseus*. The ethnographic imagination of Homer's *Odyssey*. New York: Oxford University Press, 2001.
- EMLYN-JONES, C.; YAMAGATA, N. *Exploring the Classical World*. Homer and the Greek "Dark Age". Oxford: The Open University, 2006.
- FOXHALL, L. Cultures, landscapes, and identities in the Mediterranean world. In.: MALKIN, I. (Ed.). *Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity*. London: Routledge, 2005, p. 75-92.
- GABRECHT, A. P. A celebração da moral heroica na *Ilíada* de Homero. *Nuntius Antiquus*, n. 4, p. 147-61, 2009.
- GABRECHT, A. P. *O poder e o sagrado na Idade das Trevas*. A configuração simbólica da realeza homérica. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.
- GRUEN, E. *Rethinking the other in antiquity*. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- HARTOG, F. *Memória de Ulisses*. narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. [1996]
- HALL, J. M. *Ethnic identity in Greek antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

- JONES, P. V. The *kleos* of Telemachus: *Odyssey* 1.95. *American Journal of Philology*, v. 109, p. 496-506, 1988.
- KONSTAN, D. *To Hellēnikon ethnos*. Ethnicity and the construction of ancient Greek identity. In: MALKIN, I. *Ancient perceptions of Greek Ethnicity*. Cambridge: Harvard University Press, 2001, p. 29-50.
- LATEINER, D. Proxemic and chronemic in homeric epic: time and space in Heroic social interaction. *The Classical World*, v. 98, n. 4, p. 413-421, 2005.
- LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. [1970]
- LEFEBVRE, H. Reflections on the politics of space. *Antipode*, n. 8, p. 30-37, 1976.
- LUCE, J. V. *Celebrating Homer's landscapes*. Troy and Ithaca revisited. New Haven: Yale University Press, 1998.
- LUCE, J. V. Ithaca. In: STANFORD, W. B. and LUCE, J. V. *The quest for Ulysses*. London: Phaidon, 1974, p. 85-103.
- MAGALHÃES, L. O. A cidade grega e os modos da política. In: CARVALHO, M. M de; LOPES, M. A. de S. e FRANÇA, S. S. L. *As cidades no tempo*. Franca: UNESP, São Paulo: Olho d'Água, 2005, p. 37-59.
- MALKIN, I. Networks and the emergence of Greek identity. In: MALKIN, I. (Ed.). *Mediterranean paradigms and Classical Antiquity*. London: Routledge, 2005, p. 56-74.
- MALKIN, I. Introduction. In: _____. *Ancient perceptions of Greek ethnicity*. Cambridge: Harvard University Press, 2001, p. 1-28.
- POWELL, B. B. *Homer*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- ROSE, G. P. The Quest of Telemachus. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 98, p. 391-398, 1967.
- SKINNER, J. E. *The invention of Greek ethnography*: from Homer to Herodotus. New York: Oxford University Press, 2012.
- STUBBINGS, F. H.; THOMAS, H. Lands and people in Homer. In: WACE, A. J. B.; STUBBINGS, F. H. *A Companion to Homer*. London: MacMillan, 1962, p. 283-310.
- WERNER, C. A deusa compõe um "mito": o jovem Odisseu em busca de veneno (*Odisseia* I, 255-68). *Nuntius Antiquus*, n. 6, p. 7-27, 2010.